

EU& Investimentos

O momento é sempre bom para entrar no mercado acionário

Palavra do gestor

Fernando Leitão



As ações podem estar caras para quem pensa no curto prazo ou baratas para quem olha para o longo prazo.

Vivemos num país cuja visão de curto prazo impera, só conseguimos pensar um pouco mais longe quando um fato palpável nos obriga, como foi o caso do último Pan-Americano — e serão a próxima Copa do Mundo e a Olimpíada de 2016.

O mercado de ações brasileiro é novo, apesar de

centenário, tendo se projetado com alguma importância maior apenas nos últimos 50 anos. Fatos como a grande queda da bolsa nos anos 70, o regime militar, a hiperinflação, o confisco das poupanças, algumas crises mundiais e as várias tentativas de normalizar a nossa economia serviram para traumatizar os investidores, afastando-os das aplicações que não estivessem ao alcance da mão, no mais curto prazo possível.

Com todas essas experiências ruins, a visão clássica e mais segura para o investimento em ações, que é a de longo prazo, ficou prejudicada nas últimas décadas. Porém, dados históricos atestam que, não só no Brasil como no resto do mundo, o retorno no longo prazo para o investimento em ações é quase sempre superior ao de outras aplicações.

Mas certos pontos devem ser considerados para garantir o sucesso desses investimentos:

- O mercado de ações não é só para profissionais

- O mercado de ações não deve ser uma aposta similar a um jogo

- O investidor não deve entrar no mercado de ações com expectativas de curto prazo.

Analisando cada ponto acima, vamos para ao primeiro. Se o investidor optar por comprar ações de uma empresa, deve pesquisar no site da própria empresa ou no da BM&FBovespa e estudar seus fundamentos e mercado de atuação. Tendo um conhecimento mínimo de matemática e contabilidade, adicione alguns estudos sobre a empresa, disponíveis na corretora de sua escolha, e uma boa pitada de bom senso para dar o toque final. E não precisa ser profissional de mercado para isso.

Se você não possui os instrumentos mínimos ou tempo para análises, vá até uma gestora de recursos do seu conhecimento ou do conhecimento de alguém de sua confiança. Recomendo as

gestoras independentes ou clubes de investimento em vez dos fundos de ações de grandes bancos. Considero fundamental o acesso aos gestores responsáveis pelos seus recursos, o que é praticamente impossível nas grandes instituições.

Segundo ponto a considerar. O investidor tem uma informação distorcida do mercado de ações. Ele é visto como um "cassino", "roleta" ou "loteria", apesar de ser uma das formas mais transparentes de investimento disponíveis no mercado financeiro.

Uma ação é a melhor expressão da lei da oferta e da procura. E há inúmeros estudos sérios sobre o mercado de ações mostrando a possibilidade de ganhos reais e formação de fortuna no longo prazo. É claro que existe a possibilidade do ganho de curto prazo, que, a meu ver, é originada por pequenas distorções nos movimentos de longo prazo.

Trabalhos merecedores e ganhadores de vários prêmios

mostram o quão técnico é o mercado de ações — e quanto mais tempo conseguirmos dedicar aos estudos, mais chances de sucesso surgirão.

Terceira premissa. Se analisarmos o Índice Bovespa desde o início de 2006 até o final de maio de 2011, englobando nesse intervalo a última crise financeira mundial, sua rentabilidade foi de 93%, enquanto o Certificado de Depósito Interfinanceiro (CDI) alcançou 82%. Se olharmos nesse mesmo período uma carteira de ações formada por boas pagadoras de dividendos (Coelce, Tietê, Cemig, Transmissão Paulista, CPFL, Telesp e Souza Cruz), com "pay-out" mínimo de 50%, a rentabilidade chega a 223%.

Considerando o período de 1995 até 2010, com uma inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 213% e o CDI variando 1.796%, o Ibovespa valorizou 1.512%. Nesse mesmo período, a rentabilidade das ações de algumas empresa foi:

Tietê (3.821%), Vale (5.592%), Ambev (5.551%), Petrobras (4.953%) e Souza Cruz (10.113%), dentre outras.

Gostaria de bater na mesma tecla, insistindo que o investimento em ações deve ser estudado e direcionado para empresas pagadoras de altos dividendos, com sólidos fundamentos e principalmente visão de longo prazo.

Lembrando que rentabilidade passada não garante rentabilidade futura, mas pode mostrar que fundamentos e dividendos ajudam a valorizar o seu patrimônio.

Fernando Leitão é diretor de renda variável da HOYA C.V.C. e autor do livro "Viva de dividendos"
E-mail fernandoleitao@hoya.com.br

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.